
APRESENTAÇÃO

*Denise F. Jardim**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil

*João Leal***

Universidade Nova de Lisboa – Portugal

*Mauricio Dimant****

Hebrew University of Jerusalem – Israel

A palavra “diáspora” se refere diretamente a “dispersão”. Todavia, nas ciências humanas a noção vem sendo examinada sob a ótica das ações humanas que religam e recriam conexidades diante de processos de dispersão, forçada ou não.

Trazemos para o debate antropológico a vitalidade da noção de diáspora e de suas discussões sobre seus sentidos e usos. Priorizamos a experiência direta dos pesquisadores com coletivos diversos e entrelaçados a temáticas que nos permitem vislumbrar os modos como a noção de diáspora vem sendo atualizada localmente por protagonistas e dinâmicas socioculturais. No conjunto de artigos deste volume, nos deparamos com situações relativas ao esforço individual e/ou coletivo por reivindicar conexidades, religar o que foi separado, nos colocando diante de dinâmicas identitárias que se relacionam a diferentes formas de expressões rituais e religiosas, patrimoniais e políticas e a projetos coletivos evidenciados em estratégias de recomposição de laços e repertórios que expressam a experiência de “ruptura”. Mas também discorrem sobre os cuidados com que contemporâneos perfazem e compartilham o percurso de desterro.

* Contato: denisejardim.ufrgs@gmail.com.

** Contato: joao.leal@fcsh.unl.pt.

*** Contato: mauricio.dimant@mail.huji.ac.il.

As noções de diáspora(s) têm sido examinadas diretamente nas temáticas da imigração e transnacionalismo, colocando em exame ideias como *host country* e *home country* e apontando para áreas de estudos que refletem sobre as recriações de tradições, as repercussões dos processos de desterritorialização e exílio nas experiências de realocações espaçotemporais. Isso vinha se traduzindo em um uso comum do termo “diáspora” para evocar conjunturas históricas de “longa duração” ou que se remetiam a desterro forçado, reeditadas nos séculos XIX e XX, como situações provocadas pelo terror de Estado.

Os trabalhos selecionados no presente volume abrem portas para novas discussões sobre as práticas de uso e ressignificação que se realizam do conceito de diáspora para afirmar um pertencimento, para legitimar uma visibilidade social e negociar politicamente com o Estado e a sociedade a inclusão de novos direitos. À raiz disso, estes trabalhos realizam um acréscimo ao estudo histórico, não apenas antropológico, sobre a diáspora, dado que permitem e estimulam a reconsideração das práticas de institucionalização da identidade coletiva de grupos (no plural e não somente no singular). Em outras palavras, permitem evitar as leituras essencialistas da identidade coletiva e assim repensar as categorias que se utilizam nos estudos das diásporas.

Desde Stuart Hall (1990), James Clifford (1994) e Brah Avtar (1996), os antropólogos foram instigados a prestar atenção àquilo que os protagonistas, na atualidade, faziam com a noção de diáspora em contextos e debates precisos, ora gerando novas disposições para o debate sobre identidades originárias, políticas e religiosas, ora examinando os efeitos não esperados que desestabilizam as narrativas historicizantes.

Compartilhamos a compreensão de que, para os etnógrafos, tomar tais proposições resulta em um desafio fundamental, o de colocar as diferentes formas de enunciação sobre a diáspora em exame, inclusive a tão robusta narrativa histórica, compreendendo sua força narrativa e o que impulsiona a evocação da diáspora em termos das sensibilidades e seus investimentos, ao evidenciar desterramentos e compreender a disputa de sentidos e ações práticas na atualidade. Se tudo poderia ser visto, ao fim e ao cabo, como “diáspora”, tal alargamento da noção exige, em contrapartida, dedicadas leituras e pesquisas etnográficas.

Deslocando continuamente a noção de diáspora entre o campo das historicidades e o campo etnográfico, o conjunto de artigos aqui reunidos nos oferece a oportunidade de refletir sobre as maneiras como estamos problematizando essa noção na antropologia atual, e os contornos singulares que lhe

são conferidos a partir de trabalhos de investigação conduzidos em diferentes continentes.

Tais experiências se remetem imediatamente à temática da imigração, mas, mesmo nesse campo de reflexão, os estudos sobre diáspora que aqui reunimos não se reduzem à enunciação de identidades reconfiguradas a partir do binômio origem-destino. As conexidades e a noção de diáspora evocam rediasporizações de três ou mais gerações de uma mesma rede familiar e diversas criações coletivas, localmente singulares. Em outras palavras, sendo a diáspora um conceito aberto e de múltiplos usos, também os etnógrafos aproveitam tal abertura para trilhar novos caminhos, priorizando aqueles sugeridos por sujeitos diaspóricos. Em comum, encontraremos em cada artigo um esforço por situar-se em um debate conceitual que priorizou questionar noções da previsibilidade da migração e em que o *projeto migratório* aparece mais nítido como um campo de disputa de significados.

O presente volume valoriza a análise da diversidade dos usos da noção de diáspora, ciente de seu emprego plural. Nesta edição, recepcionamos o debate sobre diásporas abarcando temas e campos de estudos, em uma perspectiva antropológica, considerando a dispersão como um ato de deslocar-se tão relevante quanto as possibilidades empreendidas pelos protagonistas em reler tais desenraizamentos e revertê-los em conexidades. O trabalho humano é, portanto, presente nessas leituras e enunciações coletivas e permite que a noção de diáspora seja conhecida em suas diversas expressões: no campo da memória e das narrativas, na religião e em mobilizações políticas.

A vitalidade da temática permite percorrer inúmeras escalas de pesquisa. Se, recentemente, o uso da noção de diáspora se relaciona a uma retórica política de pessoas que reivindicam um lugar de origem, ela também é disputada e valorizada em ações estatais e, por vezes, sofre pressões com a desqualificação de seu viés politizado. Esta coletânea nos permite reinscrever o debate sobre diásporas em sua multiplicidade: de percursos, conexões e formas de enunciação.

Lira Turrer Dolabella, no artigo “Sexualidade, cuidado e relações de poder na diáspora: as imigrantes brasileiras no universo das casas de alterne em Lisboa”, trabalha as experiências de brasileiras em casas de alterne em Lisboa tratando de aspectos da experiência identitária relacionados à articulação entre gênero, raça, classe e sexualidade. Temas como os cuidados de si e de outros,

solidariedades e responsabilidades são centrais para aqueles que migram e mobilizam saberes fazendo frente a lógicas de exclusão e dominação.

Por sua vez, Joseph Handerson, em “*Diaspora. sentidos sociais e mobilidades haitianas*”, privilegia o trabalho de campo sobre a diáspora haitiana e seus desdobramentos no contexto atual do Brasil. Tratando dos fluxos mais recentes, observa a diáspora haitiana em contínua reconfiguração, não apenas nos itinerários, mas sobretudo na mobilização de um entendimento sobre as formas de organizar os diferentes níveis de deslocamento que comporta um entendimento das redes migratórias, bem como a compreensão e a leitura dos investimentos simbólicos no emprego do termo *diaspora*. Entre os novos caminhos e a experiência com percursos de imigração já empreendidos, os etnógrafos revelam personagens, a busca de lugares sociais e a multiplicidade de pontos de vista que perfazem a interpretação dos protagonistas.

No trabalho de Luciana Denardi sobre “Ser chinô em Buenos Aires: história, moralidades y cambios en la diáspora china en Argentina” temos uma etnografia atenta à relação local quanto a aspectos históricos e da diversidade de procedências, em que encontramos, na identidade chinesa, um sentido bastante plural. Ademais de situar fluxos historicamente marcados por chegadas distintas, o campo se apresenta como um jogo intrincado de relações entre “diferentes” tempos e manejo de aprendizados. Desse modo, as diferentes “posições morais” negociadas na vida comunitária referem-se a experiências geracionais e permitem uma leitura sobre a heterogeneidade dos dilemas envolvidos e não apenas referida a “procedência”, colocando em relevo as dinâmicas das relações tecidas entre a vida local e extralocal.

Filomena Silvano e Marta Vilar Rosales tratam da “diáspora colonial” e o modo como ela repercute em experiências familiares; seu artigo, intitulado “‘Na realidade, Portugal, Moçambique, Brasil... eu ligo muito à ideia de nação portuguesa’: ligar o que a vida separou”, está centrado na análise da partida traumática e das noções de pertencimentos revisitadas, focalizando as memórias e a redefinição de projetos de vida de “portugueses que não querem viver em Portugal”. Examinados os enunciados amplos de uma “diáspora portuguesa”, o artigo nos aproxima dos relatos sobre objetos herdados e guardados que emergem como importantes dispositivos para narrar os sujeitos na sua relação com a “terra perdida”.

A experiência diaspórica tem sido examinada em uma relação direta a desterramentos forçados, colocando em relevo tanto os percursos e viagens que

fazem emergir experiências geracionais quanto aspectos relativos a religamentos de laços. Os artigos que relacionam as diásporas e a religião refletem sobre conexões diversificadas, de grande investimento afetivo, adotando assim uma linha de contribuições recentes que têm vindo a chamar a atenção para a importância do tema (e.g. Ebaugh; Chafetz, 2000).

Como demonstram Jerônimo da S. e Silva e Agenor Sarraf Pacheco, a circulação diaspórica de pessoas é acompanhada da circulação de cosmologias, entidades e/ou princípios espirituais. O artigo “Diásporas de encantados na Amazônia Bragantina” reforça essa indissociabilidade entre ambos os movimentos, mas muda o acento das pessoas para as entidades espirituais. Com as rezadeiras que se deslocam do Nordeste para o Pará, viajam também os encantados, eles próprios associados por definição a ideias de “movência” e “deslocamento”, que os autores analisam com base em Deleuze e Guattari. Definidos à partida pela sua capacidade de deslocação no território, associados a elementos naturais cosmologicamente estruturados em torno do movimento, os encantados representam figuras centrais de uma diáspora espiritual que acrescenta uma dimensão nova e desafiante ao conceito de diáspora.

O artigo de Pedro Bogossian Porto sobre a diáspora armênia no Brasil, intitulado “Os primeiros cristãos do mundo: pertencimento religioso e identidade coletiva na diáspora armênia”, traz também a importância da religião nas sociabilidades e identidades diaspóricas. A religião é vista como um diacrítico cultural particularmente poderoso uma vez que se organiza em torno da ideia da Igreja armênia como sendo a “primeira” igreja cristã, mas também está fortemente associado à evocação do genocídio como evento fundador da diáspora armênia. A religião comparece também como construtora de espaços de sociabilidade étnica que, ao mesmo tempo em que agregam a primeira geração de emigrantes, procuram transmitir os valores diaspóricos à geração subsequente. Nesse quadro, para além da importância de datas comemorativas, encontramos a importância da “religião normal”, nas palavras de Albert Piette (2003), quando a missa surge como signo de distintividade cultural e agregador de sociabilidades.

Mariano Gancedo, em “Rostros de una diáspora. Comunidad japonesa y religiosidad en la Soka Gakkai Internacional (Argentina)” oferece à coletânea o exame do caso da Soka Gakkai Internacional (SGI), nos proporcionando pensar outros vínculos entre religião e diáspora. Enquanto que entre os armênios de São Paulo a religião se etniciza, a SGI, embora guardando amarras

importantes com a comunidade japonesa, conseguiu expandir-se para fora das fronteiras étnicas, atraindo audiências interessadas em experimentar novas espiritualidades. O autor alinha-se à proposta de Alejandro Frigerio quanto ao que nomeia como uma “transnacionalização religiosa ignorada”. Pode-se considerar que, nesse caso, a religião é diaspórica em dois sentidos: porque está associada a uma migração e porque, por seu intermédio, ganha uma dimensão transnacional que noutros casos é conseguida por outros meios, não necessariamente ligados à emigração.

O conjunto de textos que completam a seção de artigos estão centrados numa antropologia política em que a diáspora torna-se elemento central. Nesses artigos, os movimentos sociais e as mediações estatais tomam relevo, evidenciando as disputas e os conflitos em torno de conectividades diaspóricas.

O artigo de Silvina Merenson sobre a diáspora uruguaia, “Del ‘exilio’ a ‘la diáspora’. Lenguajes y medicaciones en el proceso de diáspora uruguayo”, explicita o papel do Estado e do que chama de “burocracias diaspóricas” e que dão os contornos e formas de enunciação da definição da diáspora. Ressalta as dinâmicas sociais que são ora atravessadas e ora tensionadas por ações estatais. O artigo relembra que diáspora é uma categoria nativa que, embora mobilizada muitas vezes a partir de baixo, é também mobilizada a partir de cima. O impacto das políticas estatais na criação de uma elite diaspórica em larga medida cooptada pelo próprio Estado, a oscilação entre modulações esteticizadas e poéticas da diáspora e discursos centrados na categoria pós-moderna de cidadania são abordados e evidenciam a capacidade de grupos e lideranças diaspóricas – como os que são tratados na última parte do artigo – de fazer inflectir as definições estatais de diáspora.

As conexões advindas de travessias, por certo, não são expressas tão somente no registro dos desterramentos das relações entre Estados nacionais, são também evocadas como aquelas realizadas entre continentes e entre tradições. Nos termos de Hall (2003), reconfigurações e cruzamentos de trajetórias e rotas permeadas pela violência colonial. De todo modo, as repercussões dessas histórias não são circunscritas a visões exclusivamente voltadas ao resgate do passado, e que assumem novos contornos quando visualizadas na atualidade.

No artigo “Por onde os africanos chegaram: o Cais do Valongo e a institucionalização da memória do tráfico negreiro na região portuária do Rio de Janeiro”, Simone Vassallo e André Cicalo trazem outras dinâmicas permeadas por ações estatais, provocadas por um conjunto de conexões locais com

as políticas de agências globalizadas. Localmente, o debate sobre a diáspora africana reaparece em sua dinamicidade e como palco de conflitualidades e debates – nesse caso envolvendo as tensões entre poder público, movimentos sociais e academia. O processo de patrimonialização do Cais do Valongo, no Rio de Janeiro, nos mostra como o movimento negro foi num primeiro momento capaz de impor a sua agenda de monumentalização da diáspora africana e de rememoração da escravatura como evento profundamente traumático rasurado dos discursos dominantes sobre o Brasil. Mas essa “unanimidade negociada” revelou-se entretanto precária, e o artigo mostra como a narrativa do movimento negro entrou em colisão com a vontade do Estado na construção de uma narrativa mais “pacificadora”, decorrente em grande medida dos seus interesses na revitalização gentrificadora da área urbana em que se inscreve o Cais do Valongo.

O artigo de Lucila Degiovannini sobre “Relaciones entre diásporas. África en América, Brasil en Argentina” exemplifica as construções diaspóricas de protagonistas/ativistas e seus efeitos na expansão religiosa afro-americana na Argentina. A partir dos circuitos e conexões entre ativismos e práticas religiosas, reencontramos os efeitos na revisibilização da religiosidade de afro-descendentes na Argentina, Uruguai e Brasil. O trânsito entre esses diferentes lugares revigora o ativismo e amplifica a evocação a africanidades através, sobretudo, do candomblé.

Laura Cecilia López nos permite reencontrar o tema da diáspora africana sob outros aspectos. No artigo sobre “O corpo colonial e as políticas e poéticas da diáspora para compreender as mobilizações afro-latino-americanas”, a autora evidencia o corpo como lugar contemporâneo de opressão e/ou de libertação e nos cruzamentos entre as categorias de diáspora, raça e gênero. O nó do artigo constrói-se em torno do confronto entre políticas estatais – relativas às reservas de vagas e políticas específicas na área da saúde pública – e as agencialidades dos sujeitos diaspóricos, com relevo para o modo como o corpo pode operar simultaneamente como lugar de políticas e poéticas libertadoras e como lugar de invisibilização e rasura de posições de subalternidade decorrentes de operação simultânea de categorias de raça e gênero.

Concluindo a seção, o artigo de Marta F. Topel, “Terra Prometida, exílio e diáspora: apontamentos e reflexões sobre o caso judeu”, ilustra como a judeidade é assumida pelos atores como “realmente existente” e não como tão somente um conjunto de práticas situadas e vividas como uma criação

específica. Daí abre-se a possibilidades de compreender processos de desdiasporizar-se ou rediasporizar-se. O artigo, ao mesmo tempo em que regressa à definição de diáspora, retoma a experiência judaica como modelo a partir do qual foi pensada historicamente a noção de diáspora. Embora com ambições mais vastas, o artigo põe em evidência as disputas contemporâneas sobre o lugar da *homeland* na imaginação diaspórica judaica. Ao lado de processos de rediasporização centrados em Israel, o que fica claro é o desenvolvimento de políticas de multiplicação das *homelands* que permitem pensar em novas bases os vínculos entre movimento, memória e território. Que esses debates tenham lugar em torno de concepções sobre a diáspora judaica é significativo, dado o caráter “modelar” dessa diáspora nas ciências sociais e na ação política.

O judaísmo, a japoneidade e ainda a africanidade consistem em práticas que se significam, se imaginam e dialogam com uma crescente institucionalização, permitindo a isso não só a diasporização, mas também que se utilizem para demarcar fronteiras com outros grupos e mesmo no interior de um mesmo grupo. As práticas de diasporização de sua identidade promovem uma discussão sobre como o grupo constrói e significa práticas que terminam sendo institucionalizadas e sendo assumidas como “realmente existentes”.

Tomados no seu conjunto, os artigos lembram que – também no tocante à diáspora – a agenda da antropologia é uma agenda comprometida com os usos, múltiplos e complexos que os sujeitos fazem de categorias, que são tanto analíticas como “nativas”. Realçamos aqui a possibilidade de o debate sobre a experiência diaspórica contemplar redes e protagonistas e, para além de descobertas sociológicas sobre agenciamentos, perceber os cuidados recíprocos mobilizados por seus protagonistas diante de situações de desenraizamentos, gerando dinâmicas inusitadas e entrelaçando-se a aspectos religiosos e institucionais. Entendemos que o que se passa na experiência diaspórica, para além da elucidação de seu sentido genérico, demonstra sua produtividade enquanto noção na qual se pode consignar e examinar a experiência diaspórica em sua multiplicidade.

O *Espaço Aberto* contempla o artigo de Alex Vailati e a entrevista com a antropóloga Suzanne Oakdale.

O artigo de Alex Vailati, intitulado “Seeds of revolt. Intergenerational relationships in rural KwaZulu, South Africa”, apresenta uma pesquisa etnográfica em KwaMashabane, na África do Sul. Examina as experiências geracionais

quanto à produção de pessoas. A etnografia trata de relações estruturais que conferem valor à maturidade e interferem nas relações entre jovens e adultos. Para além de recuperar a complexidade do caminho da maturidade, retomando lições sobre o preço da noiva, o valor do casamento e do *ilobolo*, temas clássicos dos estudos sobre sociedades tradicionais na África, coloca em relevo como tais aspectos compõem nas relações atuais, destacando os fatores disruptivos e estratégias atualizadas pelos sujeitos para alcançar e ultrapassar a subordinação conferida estruturalmente aos jovens (homens) e para alcançar a maturidade. O artigo demonstra os nexos entre disposições tidas como tradicionais e inovações criativas tecidas através de expedientes que recorrem, por exemplo, a modelos heroicos, como o do *trickster*, referindo-se a Paul Radin.

A entrevista com Suzanne Oakdale foi realizada por Rita de Cácia Oenning da Silva, intitulada “Tornando-se Outro”, e recupera os aprendizados, influências e interlocuções que forjaram as escolhas e caminhos da etnografia. Apresenta sua escolha em estudar os Kawaiweté, dedicando-se também a uma intensa interlocução com etnógrafos brasileiros. A entrevista retoma pontos importantes de sua observação sobre a circulação e viagens realizadas pelos indígenas das terras baixas da América do Sul e outros aspectos que demonstram a abertura desses sujeitos a novas experiências e as “habilidades dessas pessoas em mais de um idioma e mais de uma cultura”. A leitura dessa entrevista torna-se um estímulo para os etnógrafos, especialmente para aqueles que buscam “juntar esses detalhes concretos sobre as vidas das pessoas, e como os articular com os padrões culturais e com as mudanças históricas, bem como com a capacidade das pessoas de agir em múltiplos campos culturais”, como se refere Suzanne Oakdale a seus próprios desafios.

A capa deste volume é uma imagem portuária que evoca uma cena da imigração italiana, historicamente emblemática no século XIX, em especial, para o Brasil. Trata-se da pintura *Gli emigranti*, de Angelo Tommasi. Esse quadro foi posicionado de modo a dar relevo e realçar as figuras humanas, para valorizar “o detalhe”. Como nos artigos aqui reunidos, inspecionar a cena em detalhe é a marca dos etnógrafos. Na imagem da capa, enquanto as pessoas esperam no porto por seus destinos, observamos na tela os fluxos da vida e suas exigências. Sugerimos assim que a noção de diáspora, da mesma forma, não seja buscada unicamente no somatório das partes e cenas que compõem uma grande tela, e sim encontrarmos laboriosamente os sentidos da diáspora e seu vigor conceitual, como fazem os etnógrafos, imersos em seus detalhes.

Referências

BRAH, A. *Cartographies of diaspora: contesting identities*. London: Routledge, 1996.

CLIFFORD, J. Diasporas. *Cultural Anthropology: Journal of the Society for Cultural Anthropology*, Washington, v. 9, n. 3, p. 302-338, 1994.

EBAUGH, H. R.; CHAFETZ, J. *Religion and the New Immigrants: continuities and adaptations in immigrated congregations*. Walnut Creek: Altamira Press, 2000.

HALL, S. Cultural identity and diaspora. In: RUTHERFORD, J. (Ed.). *Identity, community, culture, difference*. London: Lawrence & Wishart, 1990.

HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMS, 2003.

PIETTE, A. *Le fait religieux: une théorie de la religion ordinaire*. Paris: Economica, 2003.